





A LUZ MISERÁVEL



DAVID SOARES



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina



‘Os meninos estão perto da vida’, disse a mulher.

‘Os adultos estão perto da morte. As coisas que vivem ao pé da morte sentem-nos e vêm ter connosco.

Quando somos capazes de ver as coisas que vivem ao pé da morte é porque estamos ao pé dela.

É sinal que vamos morrer.’



SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Para quem quer fugir da rotina

TÍTULO: *A Luz Miserável*

AUTORIA: *David Soares*

EDITOR: *Luís Corte Real*

Esta edição © 2009 Edições Saída de Emergência Lda.

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: *Saída de Emergência*

DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Rolo & Filhos II S.A.*

1ª EDIÇÃO: *Novembro, 2010*

ISBN: *978-989-637-279-8*

DEPÓSITO LEGAL: *317587/10*

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

R. Adelino Mendes nº 152, Quinta do Choupal 2765 - 082 S. Pedro do Estoril, Portugal

TEL E FAX: *214 583 770*

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

*Para a Gisela,
porque gosto de lhe pregar sustos*





HENDRICK GOLTZIUS,
De Draak Verslindt Een Makker Van Cadmus
(1588)

*Admito que as ideias não me repugnam, mas agradam-me bastante;
e dou graças à beneficência do Criador que me providenciou
tantos diabos para meu entretenimento.*

GUILLAUME HYACINTHE BOUGEANT,
AMUSEMENT PHILOSOPHIQUE

Tornei-me um emigrante numa realidade física totalmente diferente.

SAUL BELLOW,
I GOT A SCHEME: THE WORDS OF SAUL BELLOW

*Tied up and beaten,
spat out and eaten,
suicidal.
Nothing's ever been as hard.*

MARILLION,
HARD AS LOVE



ÍNDICE

A SOMBRA SEM NINGUÉM	13
A LUZ MISERÁVEL	39
REI ASSOPIO	68



A SOMBRA SEM NINGUÉM

um

‘É PORQUE TENS O SANGUE MAIS DOCE’, DISSE MANON, ENTRETIDO, enquanto examinava o braço da rapariga; escorregando como manteiga sobre o suor, o Sol pôs à vista a picada intumesciente de insecto.

‘Mais doce que o teu, é isso?’, perguntou ela. ‘És muito parvo.’

Manon sorriu e largou o braço de Mortellite; ela deitou-lhe a língua de fora e coçou a pápula grelada sobre o cotovelo. Puxando para a frente a aba do chapéu de palha, o filho do fazendeiro conduziu-a para fora do curral; os porcos continuaram a chafurdar e a esparrilhar lama. A rapariga e o rapaz afastaram-se de mãos dadas, como se fossem irmãos.

‘Não quero que vás meter-te com os porcos’, disse Manon sem olhar para Mortellite.

‘Porquê?’

‘Porque podes cair dentro do curral.’ Nesse momento, uma sombra rolou rápida pelo solo, rastejando debaixo dos pés do rapaz ao mesmo tempo que rojava um ruído motorizado: era uma avioneta que ia aspergir pesticida por cima das plantações. ‘Os porcos são perigosos’, continuou Manon.

‘São estúpidos’, disse Mortellite.

‘Talvez, mas se te apanham, podem comer-te.’ Fez uma pausa e acrescentou: ‘O que mais gostam de comer é meninas pequeninas como tu.’ Mortellite riu e Manon afagou-lhe o cabelo frisado.

‘És muito parvo.’

‘Talvez...’ A camisa de linho branco que Manon envergava estava manchada de suor nas axilas, ‘...mas não quero que brinques no curral.’

Mortellite encostou o queixo ao peito e não respondeu. Segurando as sandálias na mão deixou-se encaminhar por Manon, observando, distraída, os seus pés descalços.

dois

O CÉU MERIDIONAL ENVOLVEU AS MESETAS E O LITORAL AUSTRALIANOS como se fosse uma pele de camaleão. Fluindo sobre o terreno recheado de ouro, demãos de luz e nuvens brilhantinas renovam-se a cada dia em colorações inopináveis. Pese a importância que tem em tornar as coisas visíveis, a luz possui méritos ainda mais especiais e não existe melhor forma de iniciar um estudo das filosofias naturais que observar o fenómeno da luminescência.

O *Cessna 172* desceu em direcção ao pequeno aeroporto privado e um *wombat* que desengolfava raízes no meio da pista de aterragem não ouviu o motor. Um homem gordo sentou-se de imediato ao volante de um jipe e avançou veloz ao encontro do animal, buzinando e batendo com a palma da mão na porta do veículo. Sobressaltado pela barulheira, o marsupial correu para a passagem que escavara sob a cerca de arame que circundava a área: mergulhou o focinho na terra poeirenta e desapareceu. O jipe inverteu a marcha, deixando a pista livre para a aterragem da aeronave. A Oriente, o Sol tacteou o terreno com timidez, não fosse a noite ter-se atrasado e ele arriscar uma luta laboriosa por protagonismo.

O piloto desceu do avião e o homem do jipe foi cumprimentá-lo. Pequenos fotões precipitaram-se da atmosfera e ficaram suspen-

... nos cabelos e nas roupas dos homens, mas eles não os viram. Ajudou-o a carregar a bagagem e colocou uma mala e um saco nas traseiras do jipe.

‘Tem um cigarro?’ perguntou. O piloto procurou nos bolsos. O motorista não era capaz de calcular a idade dele, mas imaginou que era um indivíduo saudável. Nesse instante, o piloto abanou a cabeça.

‘Tenho uns maços dentro da mala...’, respondeu, mostrando ao motorista a cigareira vazia que retirou do bolso da camisa, ‘...mas ainda estão embrulhados em celofane.’ Faltava fervor à iluminação matinal, que produzia sombras esguias no cenário australiano, mas, mesmo assim, mostrou-lhe que o motorista tinha um olho de vidro. Este encolheu os ombros e, silencioso, sentou-se ao volante do jipe; o piloto sentou-se ao seu lado e puxou a porta.

‘Feche com força’, disse o motorista. O outro bateu a porta com brusquidão. ‘Esta noite foi fria,’ comentou o motorista, girando o volante. O piloto virou-se para a janela e viu a fita cor-de-rosa que cingia o horizonte diluir-se num tom exótico de azul, impossível de reproduzir na paleta. O jipe cheirava a gasolina e o forro do assento fez-lhe calor; desabotoou a camisa, desvendando um fio com uma medalha. O motorista viu a figura gravada em prata pelo espelho retrovisor.

‘Que santo é esse?’ perguntou. ‘São José de Cupertino?’ Iluminado de frente pelo Sol, o sorriso do piloto modulou a resposta:

‘Não’, disse, coçando a barba. ‘É Albertus Argentinus.’

‘Albertus?’ O motorista abanou a cabeça. ‘Mas você não é piloto, senhor... Senhor?..’

‘Lyotard.’ respondeu o piloto, olhando pela janela; a tonalidade exótica de azul liquefazia a faixa cor-de-rosa estendida sobre a estepe. Dentro do jipe, mesmo com as janelas abertas, o ar era seco. ‘Sou piloto.’

‘Então... O que é que faz nos tempos livres que requeira a protecção de Albertus?’

‘Protecção, não’, respondeu. ‘Inspiração.’

‘Inspiração?’

Revirando os olhos, Lyotard tirou um maço do bolso das calças; acendeu um cigarro e ofereceu-o ao motorista para que ele se ca-

lasse. Admirado, o motorista aceitou-o, sem agradecer. Reparou nas mãos descoloradas do piloto: manchadas de nódoas brancas, como se tivessem sido atingidas pelos estilhaços de uma bomba de leite. Discretamente, olhou-lhe para os pulsos: a pele malhada de branco subia pelos braços, debaixo da roupa, e malhava-lhe o pescoço. Lembrou-se das histórias que conhecia sobre homens-dingos, mas abanou a cabeça. Afinal de contas era manhã e esses contos só metem medo durante a noite.

O calor alcançou, finalmente, o jipe e explodiu no seu interior numa insuportável erupção. Uma mosca que entrou por uma janela, empurrada pela onda de choque, cabeceou o *tablier* e o vidro em busca de um ponto de fuga. Não fazia nenhum barulho. Os homens prosseguiram em silêncio.

três

ENQUANTO ESPERAVA POR JONI, O GRUPO REUNIDO NA SUITE do último andar do hotel procurava decifrar os sons remissos que atravessavam o chão alcatifado. Mulheres elegantes, acompanhadas por homens vestidos com roupas escuras, olhavam para as pontas dos sapatos, e consultavam os relógios, enquanto dois serviçais deambulavam pela sala com tabuleiros nas mãos: um com comida e outro com bebidas; hoplitas do *catering*. Atrás da assistência disposta em círculo no centro da sala, em volta de um candelabro com velas acesas, as janelas estavam fechadas e o calor, mesmo com o ar condicionado ligado, era torturante. Um homem novo levantou-se da cadeira para que um velho, suado e cansado de esperar em pé, se sentasse e fez sinal ao criado para pedir uma *flute* de champagne. O ruído dos hóspedes do piso inferior continuava a arrogar as atenções dos convidados e a despertar-lhes os nervos: era possível distinguir música e algo orgânico escondido entre as notas; como larvas alimentando-se de uma carcaça. Encostado a uma parede, um dos homens escrevia uma mensagem no telemóvel; outro chocalhava suavemente o porta-chaves que tinha no bolso. Então, Joni entrou na suite. Mortellite não vinha com ela.

‘Boa tarde’, disse. ‘Obrigado por terem vindo.’ Caminhou até ao

centro da sala e esclareceu: 'A Madame Mortellite não se sente bem, mas realizará a sessão. Peço-vos que aguardem uns minutos.'

'Que se passa?,' perguntou uma mulher, com sotaque americano. 'Adoeceu?' A anfitriã respondeu:

'Felizmente, não.' Joni sabia que Mortellite estava deitada no quarto, cheia de dores menstruais. 'Ela está a caminho.' Agradeceu a paciência do público e saiu.

Desceu as escadas e avançou pelo corredor bem iluminado até ao quarto de Mortellite onde a encontrou de pé junto à janela. Estava a vestir um *blazer* branco.

'Podes fazê-lo?'

'Claro,' anunciou a outra. 'A dor ajuda.' Puxou as mangas da camisa e compôs o *blazer*. Entrou na casa de banho por uns momentos e saiu com o cabelo amarrado num rabo-de-cavalo. O seu perfume cheirava a madeira verde. Bateu palmas e fez sinal a Joni para que abrisse a porta.

'Comeste alguma coisa?,' perguntou-lhe Joni, apontando para o cesto cheio de frutas que estava em cima da cama, ainda com o revestimento de celofane inviolado.

'Não,' respondeu Mortellite. 'Não comi.' Subiu as escadas atrás de Joni, em direcção à suite onde os convidados a esperavam; olhou para a superfície espelhada das fotos penduradas nas paredes em busca da sua própria imagem, mas o vidro era anti-reflector.

Quando entrou no aposento sentiu a antecipação da assistência e alguma raiva. Avançou até ao centro, abanando a luz das velas com o vento dado pela sua deslocação, e, sem dizer nada, fitou com os olhos bem abertos os pavios incandescentes. Uma câibra beliscou-lhe o ventre e o mês-truo verteu-lhe para as cuecas: esquecera-se de usar um tampão. Antes do silêncio submergir a suite, ouviu um homem ser calado de modo brusco por uma mulher; o ruído que assolava do piso inferior desapareceu progressivamente, como música afastando-se dos tímpanos de um ouvinte para seduzir outro. Enquanto se concentrava, viu um homem nu, encostado à parede do fundo da sala. Tinha cabelo e barba brancos e parecia exausto. Não estranhou a presença dele.

Encostada à porta, atrás do público, Joni apagara as luzes e obser-

vava o espectáculo: os pormenores fantásticos nunca falhavam em capturar a imaginação. Tudo tinha início inesperadamente, como se o momento tivesse esperado uma parteira desde sempre. Sentia um amor impetuoso durante as sessões. Poderia o interior do seu corpo preencher-se de amor como o fumo de tabaco preenche uma suite? Se sim, talvez fosse melhor deitar fora as fotografias e substituí-las por radiografias.

Uma matéria branca apareceu de repente sobre as pessoas.

Assustadas, elas levantaram-se das cadeiras, mas Joni sossegou-as.

‘Sentem-se, por favor,’ disse com um sorriso. ‘Não lhe toquem...’ e apontou para a substância que rolava no ar. Cheirava a baunilha. ‘E não serão tocados.’

Alheia aos movimentos do público, Mortellite continuava a dormir de olhos abertos. Estendeu os braços, mostrando a mão direita enluvada de branco, e a bola de matéria flutuou na sua direcção. Desfez-se em fatias como um novelo de minhocas sobre as palmas e assumiu rapidamente outra forma. Mais manifestações de matéria principiaram a aparecer na sua órbita; e no momento em que terminou a metamorfose, solidificando-se numa morfologia artropodiana, elas também se ossificaram em silhuetas raras, boiando no ar quente da respiração dos convidados: a excitação contida nesse *bouquet* podia ser provada.

Os elementais ergueram-se até ao tecto da suite e começaram a circular em parábolas como uma pequena galáxia. A estrela nuclear era o grande artrópode: assimétrico, rodou sobre si mesmo, abanado pendões de matéria branca, como farrapos rasgados de um vestido de noiva, perseguido pelas aparições menores. Algo aquoso animava as criaturas e quando estas ganharam uma imprevista transparência o público fascinou-se em descobrir veias cheias de sangue cinzento, como mercúrio, no seu interior. Mortellite desviou o olhar das velas e os elementais evaporaram-se. Joni ajeitou uma alça do vestido sobre o ombro e acendeu as luzes da suite. As mulheres levantaram-se das cadeiras e aplaudiram. Alguns homens juntaram-se-lhes e aproximaram-se da elementalista para lhe apertar a mão. O homem que ofereceu o assento ao velhote continuava de pé segurando o copo de champanhe. Chorava.

Mortellite também chorou — muito —, sofrendo de dor, caída no curral naquela antiga manhã. Acordou de madrugada e correu para o terreno do vizinho para espiar o sono dos porcos. Calçara os sapatos com sola de borracha para não escorregar para o interior do redil quando se empoleirasse. As nuvens matinais aberravam-se do Sol, mostrando roupa interior cor-de-rosa sob os saíotes brancos. A menina chegou ao curral e trepou as tábuas, curvando-se para ver os suínos sonolentos. O ressonar dos animais fê-la rir. Tatuada por uma fatia de luz, uma porca preguiçava, aleitando uma vara de leitões. Uma dor angustiante imobilizou uma perna de Mortellite e, perdendo o equilíbrio, ela caiu no curral.

Aterrou de cabeça e fez uma ruptura de ligamentos na base do pescoço; nunca imaginou que o chão enlameado fosse tão duro. Lembrou-se das palavras de Manon e, nervosa, olhou para os porcos. A perna dormente queimou como se estivesse embrulhada em chamas e fê-la esquecer a catástrofe que apunhalava o seu *levator scapulae*. Estudou-a com a mão, sempre com um olho posto nos porcos, e descobriu um inchaço sobre o osso do calcanhar — sangrava. Alguma coisa tinha-a picado e a dormência desvitalizara a metade direita do corpo. Gritou e os porcos protestaram com alarve. Odiam ser despertados pela gritaria e aproximaram-se mal-humorados de Mortellite.

Ela não conseguia mover a cabeça, mas compreendeu, pelos grunhidos, que fora cercada pelos porcos. O solo cheirava a merda e, de repente, ficou cheia de calor. Uma fêmea enorme espetou-lhe o focinho na barriga, fungando com força. Sentiu outro porco morder-lhe a blusa, sobre o ombro, e começou a chorar. Não conseguiu gritar: a paralisia espalhara-se pelo corpo todo. Um porco lambeu-lhe os dedos da mão direita — os dentes encontraram as articulações e fizeram algo que Mortellite não sentiu. Ouviu a grande porca grunhir. O animal cheirou-lhe a perna no local onde o inchaço inesperado adquirira a cor da neve. Fungou. Cheirou outra vez e meneou o cachaço. Afastou-se depressa e os outros porcos seguiram-na. Mortellite desfaleceu.

Tinha sido picada por um escorpião.

A peçonha salvou-a de ser comida viva.

Nessa manhã, um dos empregados do pai de Manon remiu-a do redil e levou-a ao patrão que a devolveu à mãe. A fedelha fervia de febre. Passou dois dias deitada a beber uma fórmula aguada que sabia a ferro e quando a febre desapareceu sentiu-se forte o bastante para sair de casa. Mas não saiu porque choveu.

Durante quatro dias Mortellite pôde cheirar a terra molhada dentro de casa. No último dia de precipitação as moscas regressaram, anunciando o bom tempo, e na manhã seguinte o Sol brilhou de novo. A partir dessa data as coisas nunca mais foram as mesmas.

A partir dessa data, viu-os.

Os elementais.

Só mais tarde lhes deu esse nome. Primeiro, pensou que as presenças pachorrentas e amorfas que se aglomeravam a partir do nada eram fantasmas, porque estavam em todos os lados. Dentro de casa, fora de casa, flutuando como fumo e movendo-se como vidro moído dentro de um caleidoscópio. Mas só conseguia vê-los durante o dia.

Conviveu sem método com os elementais até à puberdade e um dia descobriu que as manifestações espontâneas de matéria branca nasciam com mais frequência em locais que tivessem água: lençóis de água, poços, copos cheios sobre a mesa, gotas de suor sobre a pele. Começou a usar as aparições para levar a família a encontrar água, ganhando fama de vedora. Não demorou muito tempo para descobrir que não só podia ver os elementais como possuía a faculdade de torná-los visíveis às outras pessoas.

Dir-se-ia que a luz absorvida pelos olhos, quando devolvida às retinas, vinha embebida com os pontos necessários para poder desenhar uma imagem mental das criaturas em outros córtexes visuais. Aprendeu a controlar essa qualidade e lembrou-se de se apresentar como espírita. Realizava sessões em casa de clientes arranjados pelos amigos até ser recrutada pela alta sociedade para evocar fantasmas em festas privadas; às vezes no intervalo de orgias: alguém embriagado, por um clister de champanhe, por exemplo, acabava sempre por entrar em pânico.

O período sujara-lhe as cuecas e ela desejou regressar ao quarto o mais depressa possível para mudá-las. A caminho da porta da suite, onde Joni a esperava, linda sob a luz macia que escorregava

do lustre como açúcar queimado, despiu a luva para cumprimentar um homem. Ofereceu-lhe cinco dedos: o porco não comera nenhum naquele primeiro dia da sua nova vida. Uma vida com veneno dentro — e partilhada com os elementais.

Não sabia definir a natureza deles. Eram apenas presenças que conseguia ver e cujo comportamento influenciava. Elementos naturais feitos de alguma substância misteriosa. E esses elementais enigmáticos cunharam um ofício único pelo simples motivo de existirem; do mesmo modo que os corpos sensíveis à dor treinam a firmeza da mão do cirurgião. Uma profissão nunca antes exercida e que, provavelmente, não fará escola.

Elementalista.

Entar sem ser visto em qualquer lugar era fácil para ele e invadir as festas privadas dos ricos consistia num desporto divertido. Não podia dizer que odiava essas pessoas, porque, no fundo, eram *porreiras*. O problema dos ricos, concluía, era neotenia.

Descobrira que os mais desafogados possuíam uma segurança no contacto com terceiros que os desfavorecidos não tinham: nunca se surpreendiam com ninguém. Não se corresponder com um elemento da mesma classe social, conjecturara ele, seria uma atitude medrosa; como se aquilo que se tentasse ultrapassar — aquilo que envergonha — fosse demasiado evidente na voz de um pobre. De outro modo, um rico não almeja coisa nenhuma porque tem tudo. Por essa razão, tanto aperta a mão de um indivíduo pertencente à mesma casta, como abraça outro situado numa posição inferior. Entre a abundância não cresciam preconceitos pelos pobres, pensava ele, mas os pobres que desejavam a opulência odiavam os vizinhos. Conseguia cheirar o medo em cada barraca dos bairros degradados por onde passeava — invisível. Crianças aborígenes, tão magras como cães, cagando à sombra de sinais de trânsito ferrugentos; raparigas, casadas com homens velhos o bastante para serem seus avós, a amamentarem bebés quase do seu tamanho. Um nevoeiro de rancor vogava sobre as choupanas erguidas com os materiais mais deteriorados.

Certa vez, descobriu um indígena amarrado pelo pescoço a uma torneira: tinha a cabeça inchada de sangue, apertada por um fio de pesca que cortara a superfície da carne. Estava nu e os genitais pareciam um cacho de uvas pisoteado. Os pés tinham sido cortados. Um grupo de miúdos da mesma etnia entretinha-se a atirar-lhe pedras. Um deles correu para o cadáver, carregando um tijolo: aproximou-se e atingiu-o na cabeça. O golpe não fez barulho e o projectil partiu-se quando caiu ao chão. Alarmados pela chegada de um velhote, que saíra de uma das barracas da vizinhança, os miúdos pararam de rir. O homem olhou para a vítima, para as pedras tombadas em redor, para os cacos do tijolo e afastou-se. Em silêncio. A interrupção arrefeceu a imaginação infantil dos sicários e eles deixaram o corpo sozinho.

Sozinho, não. *Ele* ainda permaneceu uns instantes na companhia do morto, pensando naquilo que testemunhara. A sua sombra cobriu a face do falecido; quando se afastou, levando a sombra com ele, a luz beijou a coroa de moscas que humilhava a cabeça amarrotada de porrada.

Ele adorava o Sol.

Sem a luz, não possuía personalidade, porque sem ela o seu corpo não fazia sombra.

E a sombra era tudo o que ele tinha.

Lembrava-se da silhueta dos aviões, projectada nas nuvens durante as viagens que fizera, e a escuridão das nuvens sobre o globo à guisa de buracos de bala. A ideia para a experiência surgira-lhe quando descobriu que as hélices dos aviões se tornam invisíveis quando giram.

Como é que algo invisível projecta uma sombra?

Um corpo transparente é atravessado pela luz e não a reflecte.

Encontrou a resposta no estudo do fenómeno físico da interferência quântica. Cada fotão possui um gémeo fantasma. Cada partícula infinitesimal de matéria tem um irmão invisível e são esses corpúsculos ocultos que desviam os fotões. Se algo — ou alguém — pudesse controlar o movimento das suas próprias partículas fantasmas, e acelerar os ritmos para refractar a luz, podia tornar-se invisível.

Quase invisível.

A sua sombra acompanhá-lo-ia.

Seguiu Mortellite e Joni até ao quarto; a luz difusa não produzia uma sombra escura o suficiente para ser vista. As mulheres despediram-se com um beijo na face; Mortellite abriu a porta do quarto e entrou.

Hesitou no corredor durante uns momentos.

Iria mesmo tentar a ideia que tivera? Será que tinha coragem para isso?

Aproximou-se da porta do quarto de Mortellite e experimentou a fechadura. Estava aberta. Rodou-a, devagar, e espreitou pela fresta da porta. Descobriu que a mulher estava deitada, mas não sabia se ela estava acordada. Esperou e ouviu ressonar. Olhou por cima do ombro para certificar-se que não estava mais ninguém no corredor e entrou.

Em silenciosa imobilidade, observou a mulher enquanto ela dormia. Adormecera com um livro em cima das mamas. Eram grandes. Teve vontade de masturbar-se, mas estava demasiado preocupado. Aproximou-se da cama, tocando os lençóis com a palma da mão. Estavam quentes. Cheirou um aroma floral na pele. Nesse instante, sentiu que algo os observava. Algo inumano.

Os elementais.

Nessa tarde, quando viu aparecer o grande elemental na suite, quase fugiu, mas deixou-se ficar quando Joni interveio e durante a sessão o horror transformou-se em esperança. As criaturas impossíveis nada tinham de espectral. Tudo o que existe debaixo do Sol é composto pelas mesmas partículas de matéria. Então, escondido dos aplausos, formulou uma teoria.

E se esta mulher tivesse o dom de materializar as partículas fantasmas em geões visíveis? Unidades geométricas, facilmente encaixáveis — e moldáveis —, capazes de reproduzir qualquer forma conhecida. Se sim, podia aproveitar-se desse dom para lhe pedir que tornasse visível o seu corpo. Mas como é que iria fazer isso? Não fazia ideia.

Desassossegado, sentou-se no sofá, perto da janela e, diante da luz directa, a sua sombra ganhou espessura. Lyotard cruzou as pernas e viu a sombra esboçar o movimento sobre a alcatifa.

quatro

MORTELLITE DESPERTOU COM O CALOR E ESTENDEU O BRAÇO para alcançar o controlo do ar condicionado; quando não o encontrou na mesa-de-cabeceira, lembrou-se que ele tinha ficado em cima da cómoda. Levantou-se e assustou-se ao ver um homem nu sentado no sofá, junto à janela. Arregalou os olhos.

Era o homem que vira na suite, durante a sessão.

Gritou e o homem que, até essa altura, parecia estar à vontade, reagiu com pânico e pôs-se de pé, em cima do sofá. Encostou-se à parede, olhando ora para a janela, ora para o chão à sua frente.

‘Saia do meu quarto!’, gritou Mortellite, cobrindo o peito com os braços. O homem abriu a boca numa expressão assombrada.

‘Tu...’, disse, nervoso. *‘Tu consegues ver-me?’*

‘Joni!’, gritou Mortellite.

‘N-não!...’ O homem pousou um dedo nos lábios. ‘Não te vou fazer mal.’ Ouviu a fechadura da porta da casa de banho a rodar. Recostou-se contra a parede, inspeccionando o chão à sua frente, e disse em voz baixa para Mortellite: ‘Por favor... Não digas que consegues ver-me.’

Joni entrou no quarto da amiga, pela porta comum na casa de banho. Olhou em volta, alarmada.

‘Que se passa?’ perguntou. Correu para a janela aberta e o homem encolheu a barriga e recostou-se à parede para evitar que ela lhe tocasse de raspão. Joni olhou pela janela e virou-se para Mortellite. ‘Está tudo bem?’

Mortellite estava sem pinga de sangue. *Como é que Joni não vira o homem em cima do sofá?*

‘Não sei...’ murmurou, confundida.

‘Pensei que tinha entrado alguém no quarto’, disse Joni. ‘Ouvi-te mandar alguém embora...’

‘Eu...’ Mortellite olhou para o homem e este rogou-lhe, por gestos, para que ficasse calada. Abanando a cabeça, ela disse: ‘Devo ter sonhado.’

‘Estás cansada’, disse Joni, beijando-a na testa. ‘Está muito calor.’ Agarrou no controlo do ar condicionado que estava sobre a cómoda e baixou a temperatura. Em seguida, fechou a janela e o homem voltou a retrair-se contra a parede.

‘A-acho que vou dormir’, disse Mortellite.

‘Está bem’, disse Joni, observando-a com atenção. ‘Ficas bem?’

‘Claro’, e olhou com algum receio para o homem. ‘Só preciso... Só preciso de dormir.’

Joni acenou com a cabeça e sorriu, antes de entrar na casa de banho e fechar a porta.

Num ápice, Lyotard saltou do sofá e a sua sombra, desenhada pela luz oriunda da janela, surgiu instantaneamente no chão, como uma imagem queimada em papel fotográfico.

‘Tu podes ver-me’, disse em voz baixa, sorrindo.

‘Claro’, anuiu Mortellite, em voz baixa, continuando a cobrir o peito com os braços. O homem nu era magro, mas tinha o estômago inchado; e apesar do cabelo e da barba serem brancos, o rosto tinha uma expressão jovem. Tresandava a suor. ‘Posso ver-te’, disse sem aumentar o volume da voz, ‘mas... a minha amiga não... te viu. Isso...’ Abanou a cabeça. *‘Isso é muito estranho!’*

‘Isso é encorajador’, disse Lyotard, em voz baixa. ‘Às vezes, penso que estou louco. Então alguém choca comigo na rua e eu sei que é verdade. A minha sombra, estás a ver...’ e moveu um braço. Mortellite olhou para o chão e viu a sombra repetir o movimento. ‘A

minha sombra é tudo o que eu tenho para comunicar. Ela e a voz. Não chegam.’

‘O que é que isso quer dizer?’

‘Quer dizer que sou invisível’, disse Lyotard. ‘Mas tu consegues ver-me.’ Sorriu.

‘Consigo...’ Arregalou os olhos. ‘Como é que entraste sem eu te ver?’

Ignorando a nudez do homem, Mortellite sentou-se na cama sem esconder a sua. Cobriu o rosto com as mãos sem saber o que fazer. Lyotard aproximou-se, devagar.

‘Vi o que fizeste há pouco, lá em cima...’ Pensou uns instantes e perguntou: ‘A... a invocação?’

‘Sim.’

‘Tive uma ideia.’ Sorriu. ‘O meu corpo não pode ser visto, como já percebeste. Fiz algo há uns anos... Uma... Uma experiência, cujos resultados não foram os previstos.’ Fez uma pausa e prosseguiu: ‘Na verdade, alcancei mais do que aquilo que previ. O que se passa é que eu nunca consegui livrar-me dos resultados, compreendes?’

Mortellite abanou a cabeça. Lyotard pensou que ela ia desmaiar.

‘Não estás a perceber nada’, disse para reconfortá-la. ‘É uma situação nova. E para ambos, acredita.’ Levantou-se e caminhou até à janela. Olhou para a rua durante uns instantes e, coçando a nuca, sentou-se no sofá. ‘Como é que fazes aparecer aquelas coisas?’

‘Os elementais?’

‘Sim, os elementais’, repetiu, em voz baixa. ‘Como é que os fazes aparecer?’

‘Não sei’, disse Mortellite. ‘Concentro-me e eles aparecem. Eu apenas...’

‘Os tornas visíveis, sim! Calculei que fosse isso.’ Riu. ‘Percebo um bocadinho daquilo que estamos a falar.’

‘De quê?’

‘Luz, filha’, respondeu Lyotard sem descompor a expressão doce.

Mortellite achou que existia algo estranho no sorriso: algo azedo, como uma linda laranja estragada pelo Sol.

‘É a luz que torna as coisas visíveis’, disse Lyotard. ‘A luz que entra por esta janela atinge os objectos que se encontram no quarto e ricocheteia, carregada de informações, para dentro dos teus olhos. Diz-te

qual é o material com que as coisas são feitas, a forma que têm e a cor. Se fosses invisível, serias cega.

‘Invisível como tu?’

‘Oh, não!’ Lyotard recostou-se no sofá. ‘Eu consigo ver. Não sou invisível. Apenas *pareço* invisível.’

‘Explica-me.’

‘A verdade é complicada e nem eu a compreendo. Apenas um bocadinho.’ Inspirou fundo e disse: ‘Somos todos feitos da mesma matéria, estás a ver? Pessoas, árvores, planetas. Apenas difere o modo como a matéria é arranjada. Diferentes combinações para cada coisa, mas a coisa é sempre a mesma. É feita por partículas muitíssimo pequenas. Tantas que é impossível contá-las, mas cada uma tem um gémeo fantasma.’ Mortellite mostrou-lhe uma expressão confundida. ‘Imagina um bebé no útero, unido à placenta’, continuou. ‘A placenta é apenas um bebé que serve para alimentar o irmão. Podes pensar nas partículas fantasmas dessa maneira. As minhas movem-se a uma grande velocidade, são muito instáveis... E é por que se movem muito depressa que ninguém consegue ver-me. Apenas vêem a minha sombra. Como as hélices de um avião. Nunca viste as hélices de um avião a trabalhar? Girando muito depressa, parecem não existir, mas se olhares para baixo delas podes ver as sombras. *São invisíveis sem o serem.*’

Quando Lyotard terminou a explicação, Mortellite vestiu uma *t-shirt* de alças que estava pendurada nas costas de uma cadeira. Entrou na casa de banho. Lyotard receou que ela tivesse ido chamar Joni. Passados uns momentos, Mortellite saiu da casa de banho com o cabelo amarrado num rabo-de-cavalo.

‘Não percebi nada do que me contaste’, disse ela ao homem quase invisível, ‘mas acho que, seja lá o que for, deve ser verdade. Que queres que faça?’

Batendo nos joelhos com as palmas das mãos, Lyotard levantou-se do sofá.

‘*Quero que tu tornes o meu corpo visível*’, disse, mostrando-lhe o sorriso misterioso. ‘Tal como fazes com aquelas merdas brancas.’

‘Não posso fazer isso.’

‘Claro que podes’, insistiu. ‘Tu consegues ver-me e isso é um bom

começo. Como já te disse, somos todos feitos com a mesma matéria, não prestaste atenção?’ As últimas palavras soaram como se ele tentasse partir um coco com os dentes. Mortellite sorriu, exaltada, e afastou-se.

‘Fica aí, disse. O homem acenou com a cabeça.

A mulher repetiu os movimentos que Lyotard vira na suite do andar superior e, imediatamente, os elementais apareceram: excrescências pálidas, como migalhas caídas da mesa da Morte.

‘São maravilhosos!...’ comentou Lyotard, deslumbrado.

Com um gesto de cabeça, Mortellite conduziu os elementais para cima do homem e concentrou-se. A matéria branca alongou-se e floresceu em finos fios que envolveram Lyotard como seda. Na rua, um carro começou a buzinar e uma mulher gritou alguma coisa. O Sol murchava no céu, mas estava calor. Muito calor.

‘É mais confortável que ligaduras’, disse Lyotard, olhando-se no espelho: a película branca, formada pelos elementais, colava-se ao corpo e devolvia-lhe a forma humana. Podia ver os dedos. Podia ver os lábios. Falou para vê-los a mexer.

‘Obrigado, filha’, disse, emocionado. ‘*Obrigado!*’

Mortellite aproximou-se. Abanou a cabeça e a película branca esvaeceu-se.

‘Que aconteceu?’, perguntou Lyotard, surpreso.

‘Não tenho matéria suficiente para fazer o resto da pele’, disse Mortellite, pousando a mão na testa. ‘Tive de desmanchar tudo.’

Lyotard avançou para ela e engrossou a voz; o hálito cheirava a carne morta.

‘Que dizes?’ Estava furioso. ‘Pensas... Pensas que isto é uma brincadeira?’ Voltou-se para o espelho e não viu o reflexo: estava invisível, novamente. ‘Olha para mim! *Quero ser visto!*’

‘Tenho pena, mas não posso ajudar-te.’

‘Isto é uma merda!’

‘Não grites, por favor.’ E ligou a televisão, aumentando o volume de som.

‘Escuta’, disse Lyotard, acalmando-se, ‘estes elementais estão por todo o lado, não é?’

'Acho que sim.'

'Mas existe alguma coisa que os atraia? Alguns locais que gostem mais do que outros?'

'Não sei,' respondeu Mortellite. 'Nunca pensei nisso.'

'Nunca pensaste nisso?' Lyotard arregalou os olhos. 'Mas... Mas deve haver alguma coisa, não achas?'

'Eu... Eu não sei.'

'Pensa,' insistiu Lyotard. 'Por favor.'

'Acho que me lembrei de algo.'

'O quê?'

'Sempre encontrei os elementais perto de água.'

'Água?'

'Penso que eles são parte da água. Como...'

Abanou a cabeça.

'Como as tuas partículas fantasmas.'

'Estás a dizer-me que podemos encontrar os elementais perto de água?'

'Os maiores, sim.'

'Maiores que aquele que vi lá em cima?'

'Já vi um maior que um cavalo.'

'Perto de água?'

'Perto de água.'

'Isso é perfeito.' Lyotard estava excitado. 'Achas que és capaz de fazer-me uma pele com os grandes?'

'Posso tentar.'

Lyotard olhou para Mortellite com uma expressão triste.

'O que é?,' perguntou ela.

'E o que acontecerá quando acabares?,' perguntou. 'Os elementais não deixam de ser visíveis depois das sessões?'

Mortellite hesitou em responder.

'Sim,' disse, passados uns momentos. 'Mas... Mas podemos pensar numa maneira de resolver isso.' Tentou sorrir com convicção.

'Uma ideia de cada vez.'

'Tens razão.'

'Onde queres ir? Ao rio?'

'Sim. Não!' Lyotard abanou a cabeça. 'Perto do rio, não.'

'Onde?'

'Gostas de praia?'